

DESAFIOS ATUAIS DA PROFISSÃO DOCENTE: ESTABELECENDO UMA RELAÇÃO COM A CHAMADA GERAÇÃO Z

Mauricio de Oliveira Silva (1); Alday Oliveira Souza (2)

¹ Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

m.osilva@hotmail.com

² Docente do Departamento de Ciências Naturais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

aldaysouza17@gmail.com

RESUMO: Este trabalho traz a vivência de um estágio em Biologia em uma escola da rede estadual na cidade de Vitória da Conquista, no 1º ano do Ensino Médio, com 43 alunos matriculados. O estágio foi dividido em três partes: Observação, coparticipação e regência. A partir das observações em sala de aula foi escolhido um debate sobre a Geração Z e a indisciplina dos jovens deste grupo, também buscou-se metodologias que atraíssem os educandos aos saberes científicos. O trabalho apresentado adota uma análise qualitativa que busca compreender e exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento, interpretar e dialetizar. A partir das vivências foi possível conhecer a atividade docente, as dificuldades e as metodologias de ensino que mais se aproximam da atual geração. Foram aplicadas aulas expositivas-participativas no quadro-branco e com slides, também atividade prática. A turma observada mostrava muita indisciplina, as aulas com materiais didáticos e experimentos não surtiu o efeito esperado, atribui-se a questão do número elevado de alunos por sala de aula. O método tradicional surpreendeu sendo o mais aceito pelos alunos, o que não era de se esperar da Geração ultra informada e conectada aos seus smartphones. Por toda a vivência realizada pelo estágio em docência foi possível perceber que a escola nos modelos atuais não consegue atender as exigências da geração Z, a forma tradicional expositiva dialogada pode amenizar a situação devido a construção do assunto com os discentes, porém isso não dura a aula toda. As aulas práticas e modelos didáticos são ferramentas oportunas e viáveis para ajudar no encantamento dos educandos, porém deve-se adequar a quantidade de discentes por sala de aula para que não haja dispersão. Quanto a indisciplina, a escola, o professor e a família devem manter medidas colaborativas de educação, pois a primeira educação vem de casa, da família. De toda a forma, vale ressaltar que este caso isolado pode não representar todas as salas de aula da escola, mas é um exemplo para refletir sobre a práxis docente para a nova geração, neste sentido a educação para este público deve tornar-se mais maleável.

Palavras-chave: Estágio, Indisciplina, Geração Z.

INTRODUÇÃO

Este trabalho traz uma reflexão sobre a vivência na disciplina Estágio em Docência III, desenvolvido pelo estudante em formação em um colégio do ensino médio no município de Vitória da Conquista-Bahia. O estágio aconteceu na disciplina Biologia no ano de 2016 desenvolvido em duas unidades didáticas, a primeira unidade correspondeu as fases de observação e coparticipação e a segunda a fase de regência. As duas etapas ocorreram no

segundo semestre de 2016, em uma turma do primeiro ano do ensino médio que continha 43 alunos matriculados.

O estágio supervisionado é uma etapa da formação profissional em que o estudante em formação coloca os saberes específicos e pedagógicos apreendidos ao longo do curso, e exercita a relação teoria-prática, além de iniciar os saberes experienciais como bem afirma (TARDIFF, 2012) a apropriação teórica e prática dos saberes essenciais para a formação docente demonstra a importância do estágio para a formação inicial por propiciar a oportunidade de conhecer o seu campo de atuação e os desafios a serem enfrentados na sua carreira, lhe oferecendo reflexões sobre o saber fazer através da troca de experiências.

O presente estudo, tem como objetivo trazer algumas reflexões sobre a experiência do professor em formação no decorrer do estágio. O primeiro aspecto marcante retrata a indisciplina que não é uma novidade e atualmente se constitui num fator que interfere na atuação docente e na base de formação do aluno, essa problemática se arrasta desde tempos remotos até os dias atuais (CARACIOLO, 2010).

Ao vivenciar a indisciplina no estágio foi algo desmotivador pois percebemos a falta de respeito e limites dos alunos para com o professor em formação. Esse fato também foi identificado no período da observação que este mesmo comportamento acontecia com o docente regente. Ou seja, a turma tinha uma característica de formar grupos, usar o celular, conversava e gritava na sala, não respeitando os momentos das aulas. Diante desta realidade procuramos metodologias e recursos didáticos diversificados, e algumas tentativas de diálogos no sentido de minimizar a situação.

A atitude de busca de alternativas é indicada por autores como forma de aproximação com os alunos no sentido de uma possível solução sobre o comportamento deles. Caraciolo (2010), Parrat-Dayán (2008) apontam que não podemos considerar “indisciplina” sem antes revisar o contexto sócio-político-cultural em que se enquadra determinada situação na cronologia histórica, pois o homem sempre está em processo de transformação. Ao tentar definir a indisciplina nos apropriamos da ideia de Rego (1996) que diz que “indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade”. Ou seja, não existe uma fórmula de como eliminar a indisciplina. O docente terá a cada turma avaliar os mecanismos que podem melhorar ou até eliminá-la.

Outro aspecto analisado é a função da escola como uma reprodutora de ideologias e, sendo um Aparelho Ideológico do Estado, apresentada por Althusser (1987), ela é uma das

principais reprodutoras da cultura dominante Bourdieu (2008). Corroborando com essa ideia Frigotto (2006) enfatiza que mesmo iniciando o novo século o poder capital em escala global traz suas ideias e teorias conservadoras tentando convencer como ideais absolutas de que o capital é a única possibilidade.

Dentro desse modelo de educação, culturas são valorizadas em detrimento de outras, normas regulatórias, são incorporadas na vivência escolar e no aluno, a institucionalização dessa cultura escolar pode ser uma fonte importante para a indisciplina. Ou seja, esse modelo de escola segundo Amado (2001) pode provocar uma rejeição por parte de uma parcela dos alunos em não se submeter a cultura escolar enrijecida e sem muito dinamismo podendo gerar a indisciplina.

Principalmente por vivermos no mundo globalizado, sobe a égide do capital que propiciou mudanças significativas na vida da sociedade através da evolução tecnológica. Essa tecnologia envolveu o cotidiano das pessoas trazendo benefícios como o acesso disponível a informações a qualquer hora, mais também trouxe malefícios como individualização e exclusão social. Ao avaliarmos o poder tecnológico na sociedade e levarmos essa reflexão para o interior da escola percebe-se um certo distanciamento com o que acontece no interior da escola e a tecnologia na vida dos alunos.

O modelo escolar de um modo geral não vem sendo atrativo para o aluno impactando provavelmente a relação professor e aluno. A escola precisa se aproximar das tecnologias pois o público que encontramos na escola é a chamada geração Z. Uma geração imediatista, que compreende as pessoas nascidas no início dos anos 1995 a 2010, também chamada de Geração Next ou Millennials, segundo Paula-Junior, (2006) “É uma geração ultra informada, porém alienada, que não sabe utilizar a informação de forma racional. É independente, desconfortável e desconfortante. Bela e assustadora”. A tecnologia é decisiva para criar marcas de tempo. Hoje com as mudanças promovidas rapidamente pelas tecnologias, podemos dizer que uma geração surge a cada 10 anos (MULLER; DEWES, 2012), assim é notável que várias gerações convivam em espaços sociais, como família, trabalho e escola.

De acordo com Robbins (2005), “as gerações são forjadas com base em um conjunto de vivências comum, que influencia categoricamente em seu comportamento, de acordo com a período em que o sujeito foi criado, com base em suas crenças, valores e atitudes, que são diferentes de pessoa para pessoa”.

Desta forma, atribuir uma classificação a esta geração Z não é tão simples, as suas definições misturam-se a chamada Geração Y que veio anterior a essa, ela é ligada as pessoas super conectadas e que mantém uma preocupação com o meio ambiente. O “Z” vem do termo

Zapear, referente a mudança rápida de canais de TV com o controle remoto em busca de algo que seja interessante (TOLEDO, ALBURQUERQUE, MAGALHÃES, 2012). Podemos ter um exemplo mais palpável, o Z pode ser “Zap” do apelido ZapZap do WhatsApp®, o aplicativo popular que permite trocas de mensagens instantaneamente, informativo, prático; igual a própria geração em questão que o utiliza o dia inteiro, também podem ser chamados de Nativos Digitais, pois esta geração conhece e fala bem a linguagem dos computadores, jogos, celulares e aplicativos com as mais diversas funções, porém tornam as inovações tecnológicas obsoletas rapidamente.

Uma característica básica que os define é a utilização de aparelhos de tecnologia, como telefones celulares de última geração, os chamados *smartphones* (telefones inteligentes), para muitas outras finalidades além de apenas fazer e receber ligações como é característico das gerações anteriores. A geração

“Quero, posso, desgosto, quero outro”, que ama o discurso do politicamente correto, mas que não quer se frustrar com os resultados dessa prática, das dietas, das academias e integrais, que levantam a bandeira do meio ambiente, mas que não vai à padaria sem o carro, do virtual, do efêmero e do pouco contato pessoal” (PEDROZA, 2014).

Assim, chegamos a um embate, de um lado temos a geração Z com muita informação na mão, ela pode conhecer e valorizar sua cultura do dia a dia, enquanto que a escola no modelo opressor e anacrônico que não consegue reconhecer as necessidades educacionais destes novos jovens conectados ao mundo virtual. Uma professora expõe esta ideia em um documentário *Pro dia nascer feliz* (2007) de João Jardim: “*eu não acredito mais na escola nos moldes que ela existe, acho que ela tinha que ser repensada, estamos vivendo em uma escola do século passado, aí fora está mais interessante, mais informação*”[]... Adequar-se, perder costumes, culturas, tornar-se um ser congênere de um modelo educacional linear.

Outra questão que se observa nesta geração é a grande liberdade, a liberdade de expressão ganha as ruas a partir da metade dos anos 2000 com a geração Y adolescente, aparecem movimentos emos, geeks, aumentam as lutas feministas e das minorias, além do aumento do interesse na política, como alguns exemplos de pequenas mudanças na sociedade causadas por este novo grupo de jovens. A geração Z segue este modelo de politização, porém muitas vezes não passam da revolta virtual sobre alguns temas polêmicos, muitas vezes com leituras superficiais do assunto em questão.

Em um conjunto de fatores temos então, uma escola ultrapassada, uma geração informada, grande liberdade de expressão e uma educação escolar que cambaleia das pernas, o que nos falta? Disciplina e ousar dizer que um tipo único de educação, a Educação Familiar.

Espera-se que a família influencie o comportamento das crianças e adolescentes uma vez que ela é responsável pela primeira educação, isto é, os filhos vão para a escola com pré-requisitos quanto ao comportamento que terão inclusive as más influências da alta exposição as mídias e seus excessos (VALA, 2008).

A escola em uma “sinuca de bico”, por assim dizer, recebe os alunos e não consegue ofertar estratégias criativas que os encante. Muitas vezes esta situação gera conflitos e por vezes, os alunos são perdidos para a grande oferta de informações do mundo extra sala de aula. A (in)disciplina pode ser tratada de forma ultrapassada, com punições antidemocráticas como a expulsão da sala de aula, gritos e apelidos nos educandos, que reforçam autoritarismo e modelos de heteronomia. A escola, o professor e os familiares do educando devem manter um contato colaborativo, a chamada primeira educação deve ser uma função familiar, mas quando esta não existe ou é quase inexistente, o professor e a instituição de ensino não devem tornar-se reféns, mas buscar formas de incluir estes alunos ao contexto escolar e aos poucos conquista-los.

A partir dessas reflexões, busco neste texto relatar a vivência que fiz na escola, o que aprendi nesta experiência e refletir sobre os desafios da geração Z e os melhores métodos didáticos para atender a esses jovens.

O objetivo deste relato é apresentar as atividades desenvolvidas e os resultados obtidos durante o estágio em uma escola pública de ensino médio no município de Vitória da Conquista, Bahia. O Estágio Supervisionado em Docência justifica-se pela inclusão dos discentes universitários no universo escolar, a fim de incentivar a formação dos mesmos e fomentar a valorização do profissional docente.

METODOLOGIA

O trabalho apresentado adota uma análise qualitativa (MINAYO, 2012) que busca compreender e exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento, interpretar e dialetizar.

As atividades foram desenvolvidas em três etapas: observação, coparticipação e regência em uma turma do Ensino Médio da escola pública. Ao longo desse período existiam encontros semanais para avaliarmos em conjunto com os colegas da graduação sobre o estágio. Nesses encontros eram propostas novas atividades para tornar as aulas atrativas, discussões sobre as vivências em sala de aula, planejamento de aulas, metodologias e orientações com a professora da disciplina de Estágio.

A partir das vivências foi possível conhecer a atividade docente, as dificuldades e as metodologias de ensino que mais se aproximam da atual geração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na fase de observação o que se via eram bolas de papel pela sala, uso de fones no ouvido, alunos sentados despojadamente sobre as carteiras, conversa, muita conversa, beijos na boca, cadeiras espalhadas, meninos em pé, uma turma dividida em grupos. Esta é a definição precisa da sala de aula observada, os estudantes pareciam não dar importância alguma as aulas, outros gritavam aos colegas “calem a boca! ”. Confesso que este ambiente não me agradou nada, saí da escola horrorizado e ao mesmo tempo triste, *pois pensava comigo o que será dessa geração?*

Durante a breve coparticipação de duas aulas, preparei uma aula sobre ciclos biogeoquímicos e lecionei com auxílio de slide projetado no quadro-branco, a aula foi proveitosa, porém tive ajuda da professora regente de Biologia na contenção dos alunos em seus lugares, houve conversas paralela mas conseguimos terminar a aula. Em uma segunda oportunidade aplicamos uma atividade do Programa Instituição de Bolsas de Iniciação à Docência -PIBID de Biologia na sala, a atividade era sobre cadeia alimentar. Em outras ocasiões fiz a chamada e auxiliei a professora regente nas atividades com os alunos.

A fase do exercício profissional é a regência, que foi realizada durante toda uma unidade letiva, nesse período as aulas, testes e provas foram elaborados por mim. Ao adentrar a sala de aula muitos alunos não respeitavam as aulas, conversavam muito, não prestavam atenção na explicação, muitos usavam fones de ouvido durante a aula toda, por mais que eu pedisse para removê-los e prestassem atenção.

A partir deste cenário percebi que precisava de metodologias que ajudassem a despertar o interesse na ciência e nas aulas. Primeiro mudei as aulas para o slide, a indisciplina persistia. Comparando com Santana (2017), os motivos podem ser;

“1) é que nas aulas em que se usam quadro/lousa a aula se dá com a luz acesa, não dá sono. 2) A aula quando é dada com uso contínuo do Datashow dá sono, deixa as reações mais lentas. 3) durante a aula no quadro os professores demoram mais tempo esquematizando, desenhando, escrevendo, o que dá tempo para refletir melhor, o aluno acompanha a construção da ideia que o professor elabora para resumir no quadro. 4) A aula com uso exclusivo de Datashow é muito mais rápida, muitas vezes nem dá tempo de refletir direito e tirar dúvidas, além disso, ali a informação já está pronta, construída.”

Talvez, neste caso o Datashow não fosse a forma mais interessante, pois como na pesquisa apresentada acima os alunos tornam-se entediados e a penumbra na sala de aula torna a aula mais monótona facilitando a dispersão.

Segundo, levei aula prática da osmose na batata-inglesa, alguns alunos prestaram atenção, porém a maioria não deu muita atenção e ao pedir um relatório, mesmo com todas as instruções não realizaram a atividade de forma adequada. Após estas tentativas, resolvi levar o modelo didático do transporte de membranas, a aula fluiu bem e tive auxílio de alguns alunos na explicação, mas também houve conversas e percebia-se falta de interesse por parte de alguns.

Depois de todas essas metodologias, fiz um bingo de revisão de assunto, expliquei como funcionava, comecei a sortear os números e ia perguntando, o mesmo não deu muito certo porque os alunos marcavam as respostas mesmo que estivessem erradas, o que acabou em um descontrole pois muitos diziam ter ganhado no jogo, precisei corrigir cada cartela para que descobrisse quem acertou tudo.

Em última tentativa, voltei ao quadro e pincel, e por incrível que pareça foi a melhor metodologia para a turma, mesmo com conversa, ao copiarem o assunto no quadro faziam menos barulho e havia um retorno nas aulas.

As vivências do estágio mostraram que alternativas diversificadas devem ser trabalhadas quando a turma não colabora, porém muitas vezes os educandos e o professor estagiário podem estar se conhecendo, a indisciplina pode ser um reflexo da falta de educação primária familiar, por isso não adianta o professor usar formas autoritaristas para intimidar. Com todos os problemas vivenciados durante o estágio vale ressaltar que nenhum dos alunos agiu com ofensas ou atos violentos, pelo contrário eram bem afetuosos neste quesito, pois buscamos o diálogo no sentido de uma aproximação tentando desenvolver um trabalho no sentido de propiciar a aprendizagem. Esse aspecto da afetividade pode-se inferir a falta de um diálogo em casa e as vezes na escola.

O método expositivo com uso do “quadro e do giz” pode ter sido o melhor porque mesmo sendo uma ferramenta antiga, o quadro-negro, ou no caso, o quadro-branco

‘é um recurso visual versátil, que é tanto livro (quando preenchido) quanto uma página em branco. E, o mais importante, tem um ponto de foco, que atrai e mantém a atenção dos alunos. O quadro-branco, como passou a ser chamado, ilustra e é ilustrado. Os alunos não somente ouvem o professor, mas também veem o que ele fala’ (DOMINGUES, 2015).

Outra reflexão sobre o método expositivo apesar das críticas que ele recebe, pode ser uma boa ferramenta quando se torna uma exposição dialogada, como afirma Lopes (1991)

essa forma de aula expositiva aproveita o diálogo entre professor e aluno para estabelecer uma relação de influência mútua de conhecimentos e experiências.

Ao experienciar o uso de uma exposição dialógica fez com que percebêssemos a importância de que a relação harmoniosa entre professor e aluno, pode ser um ponto de partida para conhecer a experiência e o cotidiano do aluno e relacioná-la com o conteúdo em estudo, ou seja dar mais significância, apesar dos mesmos não conseguirem ficar o tempo da aula com a mesma atenção.

Assim, o aluno não cansa de ver tantas imagens e a aula fica menos corrida como no caso da projeção de slides, podendo existir um maior dinamismo entre o professor e o aluno. Quanto as propostas de aulas práticas e com uso de modelos didáticos, suponho que o número de alunos (43) não seja o mais adequado pois fica muita gente para pouco espaço, o que pode ter diminuído a atenção e foco dos alunos na aula.

A variação pedagógica ela é necessária para o trabalho docente pois podemos aos poucos despertar o interesse do aluno mesmo de forma gradual. Pois sabemos que a escola é um dos espaços para a socialização de conhecimentos e trocas de experiências. Assim a escola deveria proporcionar lugares acolhedores e alegres para que seus alunos possam desfrutar melhor do ambiente escolar, das tecnologias, afim de que os mesmos se sintam no espaço em que possam se sentir bem.

CONCLUSÃO

Por toda a vivência realizada pelo estágio em docência foi possível perceber que a escola nos modelos atuais não consegue atender as exigências da geração Z, a forma tradicional expositiva dialogada pode amenizar a situação devido a construção do assunto com os discentes, porém isso não dura a aula toda. Encontrar uma escola com os padrões descritos no texto e com a presença da geração Z causou no professor estagiário uma impotência, onde o mesmo percebeu-se fruto deste padrão educacional e que muitas vezes não achou uma solução plausível para preparar uma aula que desperte a atenção dos educandos.

As aulas práticas e modelos didáticos são ferramentas oportunas e viáveis para ajudar no encantamento dos educandos, porém deve-se adequar a quantidade de discentes por sala de aula para que não haja dispersão.

Quanto a indisciplina, a escola, o professor e a família devem manter medidas colaborativas de educação, pois a primeira educação vem de casa, da família. Os pais ou responsáveis devem educar seu filho para respeitar às pessoas e conviver bem em sociedade.

De toda a forma, vale ressaltar que este caso isolado pode não representar todas as salas de aula da escola, mas é um exemplo para refletir sobre a práxis docente para a nova geração.

Um ponto a se explorar é que os jovens da geração Z aprendem de modos múltiplos; uma variedade de fontes articuladas pode integrar seus materiais de aprendizado. Esses jovens são multifocais e convergentes, ou seja, convergem conteúdos por meio de plataformas diferentes. Eles constroem os saberes não de forma sistemática, não necessitam sentar-se nas salas de aula e aprender os pontos um, dois e três de um determinado conteúdo, neste sentido a educação para este público deve tornar-se mais maleável.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. 3ª Edição. Editorial Presença. 1987.

AMADO, J. S. **Interação pedagógica e indisciplina na aula**. Porto: Asa, 2001.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. (Trad.) Reynaldo Bairão; revisão de Pedro Benjamim G.; Ana Marcia B. Petrópolis: Vozes 2008.

CARACIOLO, J. I. S. O adolescente e a indisciplina em sala de aula. **Anais**. IV Colóquio de História. Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade, UNICAP, 2010. Disponível em: < <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Colp.10.pdf>> Acesso em 05 set. 2017.

DOMINGUES, J. E. **Lousa e giz**: você aproveita bem essa tecnologia? 2015, Blog: Ensinar História. Disponível em: <<http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/lousa-e-giz-voce-aproveita-bem-essa-tecnologia/>> Acesso em: maio de 2017.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. Um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. 4ªed. São Paulo: Cortez, 2006.

JARDIM, J. **Pro dia nascer feliz**. Tambelini Filmes. 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nvsbb6XHu_I> Acesso em 07 set. 2016.

LOPES, A. O. **Aula Expositiva: Superando o Tradicional**. In: VEIGA, Ilma P. A (org.). Técnicas de Ensino: Por que não? São Paulo: Papyrus, 1991.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(3):621-626. 2012. Disponível em: <https://social.stoa.usp.br/articles/0028/5691/Minayo_MCS_2012.pdf> Acesso em 29 ago. 2016.

MULLER, J.; DEWES, F. **O impacto da inserção da geração Y no mercado de trabalho**. Universo Acadêmico, Taquara, v. 5, n. 1, jan./dez. 2012. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/ckeditorfiles/ua2012_jmuller_fdewes.pdf> Acesso em 10 set. 2017.

PARRAT-DAYAN, S. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal – **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PAULA-JUNIOR, E. P. 2006 (apud.) **GESTÃO EDUCACIONAL. Geração Y: o seu novo desafio**. (?). Disponível em: <[https:// sites.google.com/site/agestaoeducacional/artigo/desafio](https://sites.google.com/site/agestaoeducacional/artigo/desafio)> Acesso em 24 set. 2016.

PEDROZA, D. **Geração dos rótulos: do Y ao GG**. Youtube. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eKfSY3SJZrg>> Acesso em 09 de abril de 2017.

REGO, T. C. R. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana**. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 101-127.

ROBBINS, S. P. **Comportamento organizacional**. 11. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

SANTANA, C. C. S. Quadro e giz: a eterna e útil lousa em sala de aula. **Revista Gestão Universitária**. 2017. Disponível em: < <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/quadro-e-giz-a-eterna-e-util-lousa-em-sala-de-aula>> Acesso em 30 ago. 2017

TARDIFF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 14ª edição. Petrópolis, RJ, Vozes, 2012.

TOLEDO, P. B. F. O Comportamento da Geração Z e a Influencia nas Atitudes dos Professores. **Simpósio de excelência em Gestão e Tecnologia: Gestão, Inovação, e Tecnologia para a Sustentabilidade**. IX SEG e T, 2012.

VALA, C. L. S. **Indisciplina: Um diálogo entre professore e pais**. Universidade Estadual de Londrina. Londrina – PR. 2008.

Disponível em:

<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_cleuza_luiza_santos.pdf> Acesso em: 29 ago. 2017.